

**JOÃO ROMÃO, JERÔNIMO E MIRANDA:
amostras da formação de uma identidade nacional**
**JOÃO ROMÃO, JERÔNIMO AND MIRANDA:
samples of the formation of national identity**

Denise de Quadros¹

Resumo: Compreender processo de formação das identidades culturais faz-se cada vez mais pertinente em um mundo em que o processo de interação entre os povos é uma constante. Para tanto, é no passado e na literatura que algumas respostas podem ser encontradas. O processo de assimilação de uma nova cultura, de fusão com o novo país, de encontro entre diferentes, foi descrito com riqueza de detalhes por Aluísio Azevedo, em *O Cortiço*. João Romão, Jerônimo e Miranda são exemplos de como imigrantes assimilam a cultura e (re)constroem, a partir daí, sua identidade cultural.

Palavras-chave: Identidade. Cultura. Imigração.

A discussão em torno da construção da identidade e da cultura de um povo vem crescendo gradativamente. Isso deve-se ao contexto das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas, assim como da emergência de novos movimentos sociais. Sabe-se que a cultura de um povo é sua marca, é o registro de sua existência, sua identidade. Assim, todas as disciplinas ligadas às ciências humanas, em menor ou maior grau, interessam-se por este campo, buscando compreender as transformações que ocorreram durante os séculos e que ainda vêm acontecendo.

Nesse mundo em que as modificações são cada vez mais constantes, as culturas nacionais estão se constituindo em uma das principais fontes de identidade. O que vem ocorrendo é que alguns processos estão afetando, e até mesmo deslocando, as identidades culturais. Sabemos que termos como brasileiros, gaúchos, não estão impressos nas pessoas, não são características visíveis, no entanto fazem parte da

¹ Mestranda. PPG Letras. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI.

natureza essencial de cada ser. Para o filósofo Roger Scruton (apud All, 2005), “a condição do homem exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo”, inserindo-se, como lembra o autor, “como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que o reconhece instintivamente como seu lar”.

Outro pensador, Ernest Gellner (apud All, 2005), crê que, não havendo um sentimento de identificação nacional, o sujeito moderno experimentaria um profundo sentimento de perda subjetiva:

A idéia de um homem sem uma nação parece impor uma (grande) tensão à imaginação moderna. Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas. Tudo isso parece óbvio, embora, sinto, não seja verdade. Mas que isso viesse a parecer tão obviamente verdadeiro é, de fato, um aspecto, talvez, o mais central, do problema do nacionalismo. Ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, mas parece, agora, como tal.

Para Stuart Hall, as identidades nacionais não são coisas com as quais se nasce, mas são formadas e transformadas no interior da representação. A constituição de uma cultura nacional é imprescindível para se criar padrões de alfabetização, para a generalização de uma única língua como meio dominante de comunicação em toda nação, possibilita o surgimento de uma cultura homogênea, assim como de um sistema educacional nacional. Além de símbolos e representações, as culturas nacionais representam um discurso – um modo de construir sentidos que influenciam e organizam tanto as ações quanto a concepção que um povo tem de si, uma vez que “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades” (All, 2005). All (2005) compreende que “esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.

Na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart All questiona-se como é contada a narrativa da cultura nacional; para responder a questão, levanta cinco elementos, um deles está relacionado à narrativa da nação. Para o estudioso, as narrativas de uma nação fornecem histórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais que simbolizam ou representam as experiências vividas, as perdas, as glórias e os desastres que dão sentido a uma nação:

Como membros de tal 'comunidade imaginada', nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa. Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte (HALL, 2005).

O autor ainda mapeia as mudanças de sentido causadas pelo que ele considera uma "crise" originada pela ação conjunta de um duplo deslocamento: a descentralização dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos. Essa mutação desenvolveu-se desde a postura de sujeito do iluminismo, evoluindo para a concepção de sujeito sociológico, até atingir o que os teóricos definem como o sujeito pós-moderno. Do sujeito individualista do iluminismo, centrado, dotado das capacidades de consciência e razão, passou-se à noção de sujeito sociológico, que, pela primeira vez, reconhecia a importância de outros "eus", através dos quais os valores, sentidos e símbolos do mundo por ele habitado eram mediados. Houve, portanto, um salto da individualização para a interação. Embora o eu real permaneça, sua postura é terminantemente modificada pelo diálogo contínuo com o mundo exterior.

No Brasil, o pensar uma identidade nacional surge no Romantismo, e a literatura assume papel difusor destas idéias, buscando despertar no povo sentimentos nacionalistas. As imagens mostradas pela literatura passam a dar sentido à identidade de um ser brasileiro, buscando nas origens e na fusão com outras culturas a construção de uma história própria. O contexto em que a questão emerge é o de um país de formação colonial que busca construir um estado nacional a partir de um legado de três séculos de colonização e escravidão.

Para firmar-se como nacional, a literatura brasileira do período romântico criou uma imagem heroicizada do índio. Dentre os que se destacaram está José de Alencar que, com o intuito de reconstruir o processo de construção da nacionalidade brasileira, deu vida a personagens que seriam a idealização dos tipos formadores da nação brasileira, elegendo o índio como o símbolo da origem de nosso povo. No romance indianista *Iracema*, da união entre a "formosa índia" Iracema e o "nobre guerreiro português" Martim, nasce Moacir (o filho da dor), que simbolizaria a origem da raça brasileira. Segundo Zilá Bernd (1992), Alencar teria se aproveitado dessa valorização do passado mítico para fundamentar o sentido de identidade do brasileiro, que, assim, poderia se orgulhar de sua ascendência (nobre e bela). Aliás, o estímulo em amar a terra e em orgulhar-se da nacionalidade brasileira foi uma das bases em que se

fundamentou a ideologia indianista. O indianismo apresentava uma imagem positiva do povo brasileiro: o amor à terra e a valorização da comunidade.

Porém, a construção de uma identidade nacional não se constitui em um processo simples, até porque é extremamente difícil conceituar o termo, visto ser "demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova" (All, 2005). Crê-se que os indivíduos assumam diferentes identidades em diferentes momentos, o que torna o processo "realmente algo formado ao longo do tempo através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em 'processo', sempre 'sendo formada'"(All, 2005).

O que nos interessa é observar como a construção da identidade dá-se em ambientes formados pela junção de diversos povos; assim, a questão da identidade assume uma feição particular ao derivar da condição de mudança de ambiente – imigração. O que deve ficar claro é que à medida que a possibilidade de retorno ao país de origem torna-se mais remota, a relação puramente instrumental com a vida econômica do período imigratório inicial é modificada, estabelecendo-se um vínculo com os países receptores. Conseqüentemente, os processos de relação do imigrante com o país de adoção variam de uma total resistência aos costumes locais à completa assimilação.

É após o romantismo, e como uma reação a esse período, que os escritores passam a olhar para a realidade, fundamentando suas histórias na razão e na ciência. As obras escritas neste período possuem características bastante próprias, dando origem a textos denominados realistas. Na verdade, o termo não define um grupo de autores, e sim obras que por sua motivação ou estrutura escapam aos moldes e anunciam um espírito novo.

Na segunda metade do século XIX, a concepção espiritualista de mundo, que tinha caracterizado o período romântico, vai cedendo lugar a uma concepção científica e materialista. Tal visão decorre do enorme valor que se atribuiu à ciência, vista na época como o único instrumento seguro para explicar a realidade, e largamente influenciados pelo darwinismo, concepção biológica de vida que seria responsável por grandes mudanças no campo científico, repercutindo na economia, na filosofia, na política e na própria literatura. O entendimento de que a natureza de todos os seres, o homem inclusive, é determinada por circunstâncias externas, confere ao meio ambiente enorme

importância, como fator que condiciona matéria e espírito. Nesse espírito, os escritores passam a olhar o homem e suas relações como resultantes do ambiente; preocupando-se com a verdade, colhida através da observação e da análise, os personagens dessas obras são seres tipificados, em consonância com a realidade observável.

Neste período, o Brasil havia abolido o tráfico de negros jogando para as cidades uma grande demanda de mão-de-obra, fazendo com que surgissem os primeiros aglomerados de pessoas. O cotidiano passa a ser representado de maneira objetiva; a realidade, antes idealizada, é registrada quase que de um modo fotográfico. É a partir dessa nova corrente literária – o Realismo – que o romance começa a ser tomado como um instrumento de registro do que vem acontecendo, o autor cria enredos, conflitos que são resolvidos obedecendo à lógica, os milagres são eliminados, os desenlaces são previsíveis.

No período, com a abolição dos escravos, aumenta o número de imigrantes, passando a haver uma mistura – mestiços, negros, emigrantes convivem lado-a-lado, formando o que constituiu a verdadeira identidade brasileira. Para Tomaz Tadeu da Silva (2000), “as identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem”. E é na literatura que a fusão entre povos ficará registrada. Na obra *O Cortiço* há uma mistura de raças, Aluisio de Azevedo retrata a construção da identidade nacional relatando como se deu essa fusão de culturas entre os que aqui estavam e os que estavam chegando, mistura que resultaria em novos hábitos e nas características que marcariam o povo do Brasil. A obra possui um caráter documental ao retratar a sociedade da época, muito embora, conforme observa Bosi (1980), “a influência do darwinismo tenha sido preponderante, pois o universo ficcional de Azevedo está pontilhado de indivíduos em uma luta inglória contra o meio”. Em *O cortiço* o autor constrói três imagens do imigrante (Jerônimo, João Romão e Miranda) que revelam faces diferentes do processo de aculturação.

João Romão é o português ganancioso, cuja preocupação em fazer fortuna é tão grande que leva ao relaxamento com a própria aparência, a sujeição ao desconforto e a auto-imposição de um regime de trabalho que ultrapassa muitas vezes o limite físico. A trajetória da personagem constitui a metonímia do embate da raça com o meio, pois o seu pragmatismo está permanentemente em confronto com a indolência e a sensualidade do temperamento dos habitantes do país que o acolhe:

Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo de travesseiro um saco de estopa cheio de palha.

A sua posterior "aristocratização", atingida após uma profunda modificação em seu comportamento e em sua aparência física, embora revele a ação do meio sobre o comportamento humano e se apresente como uma conseqüência do evolucionismo, não deixa de se apoiar no pragmatismo da personagem, que, após enriquecer, passa a alimentar o sonho de ganhar títulos de nobreza.

Jerônimo, por sua vez, percorre o caminho inverso. É, a princípio, delineado como homem honesto, fisicamente forte, de caráter sério e bons costumes, admirado pela sua simplicidade e disposição para o trabalho. Assim que chega ao cortiço, mantém o comportamento saudosista do imigrante, a busca de fidelidade às origens, que se revela, por exemplo, por meio do hábito de sentar-se à porta, dedilhando os fados de sua terra natal:

Era nesses momentos que dava plena expansão às saudades da pátria, com aquelas cantigas melancólicas em que a sua alma de desterrado voava das zonas abrasadas da América para as aldeias tristes da sua infância. E o canto daquela guitarra estrangeira era um lamento choroso e dolorido (...)

Estudos sobre a imigração têm comprovado que a música e a culinária são marcas de resistência à aculturação absoluta, ou assimilação, operando como expressões privilegiadas de uma vida entre dois mundos.

Após conhecer Rita Baiana, uma mulata sensual, Jerônimo se torna um homem diferente. Abandona a esposa e a filha, trama o assassinato do amante de Rita, endivida-se, aproximando-se da imagem do malandro carioca.

Os primeiros sinais da transformação dão-se justamente na esfera onde naturalmente se opera a resistência, pois logo Jerônimo passa a rejeitar a culinária de sua terra, perguntando à mulher porque não experimenta fazer "uns pitéus à moda de cá", e deixa a guitarra de lado, exceto para tentar tocar as modinhas que Rita Baiana cantava. Um exemplo disso, também observável em *O cortiço*, é a recomendação de Jerônimo à mulher de que passe a tomar banho todos os dias, uma vez que o clima no Brasil era diferente do de Portugal. Aluísio Azevedo busca marcar essa oposição ao descrever Rita Baiana, dizendo que "toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas". O abrasileiramento de Jerônimo traduz a

perspectiva naturalista de sujeição aos imperativos do ambiente, que traduz, igualmente, um completo processo de assimilação.

Miranda é o típico português ambicioso que, no entanto, prefere enriquecer por meios mais brandos, como pelo casamento com uma brasileira cujo dote era o que garantia a sua loja de fazendas por atacado. A manutenção da situação econômica atingida era mais importante do que seu orgulho de homem, posto que, apesar de saber-se traído, não ousava separar-se dela:

Prezava, acima de tudo, a sua posição social e tremia só com a idéia de ver-se novamente pobre, sem recursos e sem coragem para recomeçar a vida, depois de se haver habituado a umas tantas regalias e afeito à hombridade de português rico que já não tem pátria na Europa.

Muitos dos primeiros imigrantes, e com certeza seus descendentes, passaram pela experiência da conformação identitária dual, fundamentada, ao mesmo tempo, na sociedade de origem e na "adotiva", posto que, ainda ligados pela herança ancestral a Portugal, experimentavam um modo de vida tipicamente brasileiro. A esses imigrantes se somaram os seus descendentes, intensificando tensões, crises e conflitos e ao mesmo tempo significados, vivências e horizontes, que foram impondo, ampliando e multiplicando as experiências de construção de uma nova identidade cultural.

O Brasil é um país de imigrantes, construído sobre a confluência de múltiplas diferenças. A tão propalada imagem de um país receptivo ao estrangeiro tem sido interpretada de formas diversas: ora como submissão a uma nova forma de colonialismo imposta pela globalização, ora como um reflexo de um país que se reconhece multicultural.

***Abstract:** Understanding cultural identity formation process is more and more relevant in a world marked by continuous interaction among different cultures. History and literature provide us some answers to this quest. The process of assimilation of a new culture, and the encounter with the other was portrayed in Aluizio Azevedo's O Cortiço in minute detail. João Romão, Jerônimo and Miranda are examples of how immigrants assimilate culture, (re)constructing their cultural identity.*

Key words: Identity. Culture. Immigration.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluisio. *O Cortiço*. São Paulo: Klick Editora, Coleção Livros O Globo, 1997

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1980

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Touro. 10. ed. Rio de Janeiro:DP&A, 2005

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.